

O pensamento científico na formação médica em tempos pós-pandemia

Scientific thinking in medical training in post-pandemic times

Humberto Graner Moreira¹

1. Cardiologista e Intensivista; docente da Universidade Evangélica de Goiás – UniEvangélica e da Universidade Federal de Goiás; doutor em Medicina pela Universidade de São Paulo (USP).

Quando se discute educação médica, é quase impossível não se referir ao relatório Flexner, publicado ainda no início do século passado pelo norte-americano Abraham Flexner. Este relatório transformou definitivamente a educação médica na América do Norte, e teve profundo impacto também na maneira como a formação de novos médicos era realizada em todo mundo. Mais de cem anos após sua publicação, as suas diretrizes pedagógicas ainda são alvos de críticas e debates. Por um lado, a proposta flexneriana privilegiava a formação dentro de hospitais-escola, focada ainda no modelo biológico e no processo curativo da doença. Desta forma, ignorava o contexto social e populacional, pois o conceito de atenção primária e medicina preventiva só ganharia contornos décadas depois. Além disso, em muitas escolas médicas, ainda observamos reflexos da divisão do currículo médico em ciclo básico e ciclo clínico, proposto também por Flexner, ignorando o *continuum* da construção do conhecimento integrado.

Por outro lado, embora o questionamento pertinente destes tópicos, há que se reco-

nhecer um mérito da reforma flexneriana: a obrigatoriedade da base científica de todo o conhecimento transmitido. Mesmo cento e onze anos depois, esta diretriz emerge com uma atualidade ímpar nestes dias de pandemia, e merece nossa reflexão.

Até dois anos atrás, parecia natural dizer que todo o conhecimento transmitido nas escolas médicas tinha embasamento científico. Não havia dúvidas sobre isso. Marcadamente, e alinhada com as diretrizes curriculares nacionais, os cursos de graduação passaram a exigir do graduando o desenvolvimento e execução de um trabalho de conclusão de curso, obrigatório para a obtenção de seu título de bacharel. Esta medida tinha por objetivo ampliar o contato e o desenvolvimento do acadêmico no método científico, antes restritas às oportunidades limitadas dos programas de iniciação científica. Avançamos muito neste sentido, indubitavelmente. Eis que, de repente, nos vimos desafiados por uma pandemia que mudaria profundamente não só as nossas vidas, os cuidados de saúde, e a formação dos profissionais de saúde neste país.

Para além das interferências políticas sobre o trabalho de pesquisadores sérios, que mobilizavam todos os esforços para encontrar soluções a curto prazo, e ainda sob o escrutínio público, o que preocupou foi o próprio comportamento médico em meio aos desafios impostos pela COVID-19. É neste sentido que precisamos voltar, mais uma vez, nossas atenções para a formação médica. Indiscutivelmente, havia incertezas diante de uma ameaça desconhecida, e seria inevitável que algumas medidas fossem posteriormente questionadas. Mas o motivo de preocupação é como a comunidade médica agiu (e reagiu) diante de um tsunami de pseudo-artigos científicos e disseminação de informações em redes sociais, na medida em que descortinávamos a doença e a forma como lidamos com ela. Por isso, neste momento em que as circunstâncias permitem uma melhor reflexão, precisamos voltar nosso olhar para a formação médica, quando ainda estamos transformando jovens adultos, cheios de aspirações, em médicos, com toda a responsabilidade que a profissão exige.

Levantar uma hipótese, formular um plano de pesquisa para verificá-la, e executar esse projeto certamente impacta o graduando, e o coloca em contato com o método científico e todas as dificuldades de se fazer pesquisa no país. A ampliação dos programas de iniciação científica e o envolvimento dos graduandos com um trabalho de conclusão de curso trouxe benefícios inequívocos nesse sentido. Mas, se estamos formando bacharéis com alguma vivência em pesquisa, ou se estamos entregando à sociedade profissionais com pensamento científico

crítico, é a reflexão que incito aqui. Para além das bases científicas de todo o conhecimento transmitido durante a graduação, dentro da proposta secular flexneriana, é preciso voltarmos nossa atenção para os jovens nas academias, e refletirmos se estamos contribuindo para a formação de pensadores críticos, e não mero retentores de conhecimento alheio.

Não há dúvidas de que num país de dimensões continentais como o nosso, em que diversas realidades convivem sobre a mesma bandeira, sempre houve diferenças na forma como uma mesma doença é tratada, a depender da região geográfica. Similarmente, o ensino médico também é heterogêneo. São problemas antigos, que recebem a devida atenção de educadores e daqueles que cuidam das políticas de ensino, mas cuja resolução é complexa. Mesmo neste contexto, a reflexão aqui levantada é se estamos formando profissionais capazes de lidar com a fronteira do conhecimento, com tudo o que não foi ensinado nas faculdades, tendo como arma o pensamento científico crítico. Pensamento este capaz de assumir uma verdade com base na análise minuciosa das evidências, reconhecendo não só os pontos fortes de uma informação, como também as suas limitações. A academia precisa agir como tal, berço do conhecimento e provocador do pensamento científico, onde diálogos fomentam o saber. Não há mais espaço para a transmissão unidirecional do conhecimento por meio do retroprojetor. E mais do que saber qual o tratamento do infarto agudo do miocárdio, por exemplo, é preciso garantir que o aluno saiba de

onde vieram aquelas informações, e porque diversos outros tratamentos, alguns inclusive utilizados no passado, já não são aceitos hoje. É preciso atualizarmos o modelo flexneriano, e compreendermos que mais importante do que o conhecimento transmitido com base científica é apontar a origem deste conhecimento, e como ele também foi construído.

Não, a ciência não tem todas as respostas, isso é fato. Mas até diante do desconhecido, que possamos treinar nossos futuros profissionais a como agir, e, principalmente, o que não deve ser feito, dentro do princípio hipocrático *primum non nocere*. Por isso, esta reflexão não tem a pretensão de, em poucas linhas, também apontar o caminho mágico para esta transformação. É uma chamada para a ação, ou *call for action*, como dizem os americanos. Exatamente porque, em ciência, tanto quanto na educação que verdadeiramente transforma, não existe mágica, não existe caminho fácil.

Forma de citar este artigo: Moreira HG. O pensamento científico na formação médica em tempos pós-pandemia. Rev. Educ. Saúde. 2021; 9 (2): 1-3